

## Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito<sup>1</sup>

Caroline Doucet  
Jean-Luc Gaspard  
Nelson da Silva Jr.  
Sergio Marinho de Carvalho

*A sociedade contemporânea é marcada por um modo individualista de gozo que se contrapõe aos ideais da civilização e às possibilidades de vínculos com o Outro. O corpo, inserido na lógica capitalista, transforma-se assim num produto artificial através da fabricação e exploração de novas zonas erógenas. Nesse processo, contudo, há um paradoxo: o mesmo gozo individualista denuncia a fragilidade e a inconsistência dos laços sociais contemporâneos. Dessa forma, o pesquisador, que tem a psicanálise como referencial teórico e clínico, ao efetuar seu trabalho, desenvolve uma política do sintoma, que é, também, uma política do sujeito. Uma pesquisa como essa promove uma política do caso – opondo-se à lógica contemporânea das constituições nosográficas – e um resgate da dimensão inconsciente das condutas do sujeito.*

**Palavras-chave:** *marcações corporais, sujeito, política, gozo, psicanálise*

1 Pesquisa realizada no interior do Acordo CAPES/COFECUB Processo nº 609/08

## Introdução

A pesquisa qualitativa de orientação lacaniana provoca incidências políticas? Em caso afirmativo, quais são essas incidências?

Nós nos propomos a responder a essas questões a partir da pesquisa comparativa internacional que conduzimos (França-Brasil) sobre marcas corporais auto-infligidas, e práticas análogas, qualificáveis, de certo modo, como excessivas em nossa modernidade. Essa pesquisa se apóia sobre a constatação, amplamente compartilhada, de que há um crescente apelo à aparência nesses últimos anos que tende, ainda, a se desenvolver nas marcas corporais e, portanto, nas manifestações do registro do agir e da passagem ao ato auto-agressivo. A crescente freqüência dessas manifestações é um índice da subjetividade de cada um que deve, entretanto, ser estudado à luz dos laços sociais contemporâneos. Nós sustentamos que os laços sociais que caracterizam nossa época são propícios ao desenvolvimento das práticas corporais levadas até o seu ponto mais extremo. Hoje em dia, essas práticas não podem mais ser reduzidas a fenômenos normativos e codificados que inscreveriam os corpos individuais no corpo social como um fenômeno de “moda”, como um “rito tribal”, ou, ainda, como uma simples preocupação “estética”. A orientação psicanalítica propõe um estudo clínico diferencial desses modos de tratamento do corpo segundo suas funções na economia psíquica. Ela permite considerar essas manifestações como sintomáticas e faz do pesquisador um dos agentes da promoção do sujeito na “marcha do mundo” (Freud, 1897).

## A interação do social e da subjetividade

Baseado nas entrevistas semi-dirigidas da pesquisa, o primeiro eixo de nossa pesquisa qualitativa avalia o estado da sociedade contemporânea – os ideais sociais e nosso modo privilegiado de gozo – a fim de medir suas incidências sobre os sin-

tomas. Esse primeiro eixo se sustenta sobre a demonstração freudiana de que há uma ligação entre a época e a subjetividade. Com efeito, desde o início, a psicanálise se interessou pela interação entre o social e o individual (Freda, 2007, 213). J. Lacan, em seguida, a partir da categoria de discurso e de laços sociais, veio a dar conta do entrelaçamento entre os discursos e os sintomas. Consideramos, dessa forma, que a doutrina psicanalítica é adequada para nossa pesquisa, uma vez que uma das hipóteses consideradas é a possibilidade de que as marcas corporais auto-infligidas sejam incidências subjetivas do discurso social contemporâneo. A Psicanálise nos convida a interrogar – um por um – os modos por meio dos quais os sujeitos, através das marcas corporais auto-infligidas, reivindicam sua inscrição – ou sua não inscrição – no social.

Diferentes aspectos caracterizam o discurso contemporâneo em sua relação ao corpo.

Notemos de início que nossa civilização é caracterizada pela queda dos ideais e por isso que Lacan qualificou de “subida ao zênite social do objeto *a*” (Lacan, 1970). Nós poderíamos escrever isso a partir do seguinte matema:  $a/I$  (o objeto do gozo, da satisfação sobre o ideal). Esse matema descreve o lugar dominante do objeto, que se impõe aos sujeitos desorientados, todos consumidores, reais ou virtuais, e usuários potenciais. Isso indica a predominância do gozo pulsional, individualista, sobre os ideais da civilização. Um declínio do ideal e um imperativo de gozo que se traduz por um estilo de vida dominado pelo desinteresse acentuado por seus contemporâneos. Nós podemos mencionar, aqui, os trabalhos do filósofo Gilles Lipovetsky, que demonstram que o individualismo que exclui o Outro vem acompanhado de um aumento do nível de gozo. A palavra de ordem contemporânea incide especificamente, desde o início dos anos 1970 e dos movimentos feministas, sobre o direito de poder gozar de seu corpo: “meu corpo pertence a mim”. Assim, nos anos 1970, o corpo foi investido como direito das minorias, ao mesmo tempo em que o desejo de liberação dos corpos foi transformado em causa a ser defendida.

Nós somos, igualmente, marcados por uma bulimia “das imagens do corpo” (Miller, 2008, 101). A presença do corpo na modernidade favorece a identificação a uma imagem totalizante, a partir de corpos ideais revestidos de acessórios fantasmáticos aos quais o sujeito moderno é chamado a se identificar. Dois aspectos específicos se evidenciam a partir daí: a crença de cada um em sua imagem e o cuidado em se identificar com uma imagem bem sucedida de si. Ora, o poder da imagem ideal “se passa a partir de uma referência ao corpo do outro e a sua presença” (Laurent, 2005, 63). A imagem de um corpo ideal sugestiona o sujeito. A perspectiva de uma identificação a uma imagem totalizante, idealizada e controlada, está, aparentemente, na origem do tratamento que alguns de nossos contemporâneos, como resposta, impõem a seus corpos. As práticas de tatuagem, de

escarificação dos corpos (a primeira loja foi aberta em 1975) ou de body-art inscrevem-se como uma busca relacionada à constituição identitária de um corpo singular. As cirurgias estéticas e os retoques dos corpos investigam a conformidade social. Assim, certos sujeitos procuram refazer seus corpos na medida do Outro do laço social (como participação no discurso dominante).

Contudo, os testemunhos recolhidos ao longo da pesquisa (lojas de tatuagem, instituições, espaços de prevenção, alojamentos, ruas) com pessoas excluídas ou em situações de precariedade social colocam em evidência, igualmente, a função das marcas corporais como tomada de *posição política do sujeito em relação aos laços sociais*, seja como denúncia, protesto, objeção, ou mesmo como recusa; embora as entendam também, e paradoxalmente, como atos nocivos ao próprio indivíduo. Os sintomas atuais se caracterizam, assim, pelas *atuações corporais (que) se apresentam como uma recusa do Outro, o Outro do saber inconsciente, o Outro do desejo e do laço social* (Portillo, 2006, 19). As marcações do corpo exigem, portanto, que as pensemos entre a “*exclusão e a afiliação*” ao laço social.

Acrescentemos que a marca corporal, a escritura, o entalhe do corpo, podem ser apreendidos, igualmente, a partir de uma outra vertente. O corpo é transformado em matéria onde se exerce uma prática que consiste em uma corporificação do significante. Essa escritura, e também o corte, visam os efeitos de gozo. Quando o significante passa pelo corpo ele o afeta, há os efeitos de gozo. A marca corporal põe em jogo o corpo em sua dimensão vivente, como substância gozante. A esse respeito, os enunciados recolhidos testemunham uma utilidade da marca corporal, seja para obter uma redução da tensão corporal, seja para obter uma satisfação corporal. Por suas qualidades de incidência sobre o gozo corporal, sobre o gozo do corpo próprio, por se apresentarem como uma característica de nossa modernidade, as marcas corporais podem ser consideradas como novas formas de sintomas.

### Função psíquica das marcas corporais

O segundo eixo da pesquisa põe à prova a hipótese segundo a qual as marcas corporais encontram uma função na economia psíquica. No plano metodológico, a entrevista semi-dirigida de pesquisa permite apropriar-se, no *après-coup* da marcação corporal, das coordenadas desse modo de uso do corpo à luz da estrutura psicopatológica. Com efeito, se o aspecto trans-nosográfico desses comportamentos aparenta ser consensual entre os autores (Scaramozzino, 2004, 25), uma clínica diferencial desses modos de tratamento do corpo, segundo as estruturas psíquicas (neurose, psicose e perversão), se impõe.

É possível conferir às lesões corporais, no plano nosográfico, um certo estatuto no interior das clínicas do ato (Wintrebert, 2006; Douville, 2004). Parece possível dividi-las entre duas vertentes: *acting out* e passagem ao ato. No quadro do *acting out*, esse modo de agir é sustentado pela vontade de por em evidência um sofrimento, de dobrar ou de entalhar o Outro social ou familiar, de verificar se provoca algum poder de alarme, de aflição (Lemonnier, 1997), mas também de oposição. Será possível distinguir as lesões que comportam uma referência ao Outro, inclusive aquelas com vocação perversa e com vocação de identificação social, daquelas que, recusando toda a dimensão da alteridade, serão correlacionadas a um “deixar cair” do sujeito. É o caso, por exemplo, das mutilações feitas sob o comando de alucinações ou para obter um alívio de angústia (Pao, 1969). A lesão corporal pode, também, se apresentar como “defesa contra a angústia” (Douville, 2004; Smith & al., 1998) e como alívio da tensão psíquica. Isso sugere a relação do fenômeno da marcação corporal com a função de corte – de separação – e de borda, de escrita indelével e de letra. Essa zona erógena artificial aparenta ser um modo de sentir, de se sentir existir de novo (Lauru, 2004). A questão da identificação assume aqui uma importância particular no que concerne à abordagem da tatuagem (o traçado, o brasão, a insígnia corporal). O caráter repetitivo evidencia a economia pulsional em jogo (Scaramozzino, 2004), mas também suas incidências imaginárias e identitárias sob a forma de captura do olhar, isto é, provocando o olhar e fazendo apelo à pulsão escópica. É igualmente conveniente prestar uma atenção particular à noção de “se fazer” tatuar assim como à função erótica e estética desses fenômenos (Lacan, 1964).

As entrevistas da pesquisa evidenciam a lógica e o efeito do agir sobre o corpo. Para cada sujeito um ponto de insuportável ou de impossível aparece, desnuda-se, o que implica um tratamento pelo ato. Isso confirma a hipótese de que essa conduta é a resposta de um sujeito coagido a intervir sobre/na sua economia pulsional. A título de exemplo, citamos diferentes registros sobre os quais a pulsão é solicitada:

- o fenômeno da repetição, muito freqüente (Scaramozzino, 2004), pode ser observado nos casos de tatuagem (na presença de uma cobertura total ou quase total do corpo) (Pailler, 2004), mas também nos casos de escarificação em que se sublinha a colocação em jogo da dimensão pulsional, através da compulsão à repetição;
- a entrada em jogo da pulsão escópica pela captura do olhar do outro – sob a forma de provocação, por exemplo – é evocada;
- a noção, frequentemente mencionada, de “se fazer” tatuar ou de se fazer um corte traz a questão do corpo como objeto sob uma forma mais ou menos passiva e dolorosa;

- a função erótica do corte é igualmente enunciada e põe em jogo um mais-além do prazer; o corte como zona erógena artificial aparece nas entrevistas;
- citamos, enfim, a preponderância dos enunciados relativos à dor, seja no sentido de um alívio da tensão psíquica após a escarificação, seja na ausência de dor no momento da escarificação, seja, ainda, na marca corporal como busca de uma manifestação intensa de prazer.

Assim, as marcas corporais são as modalidades dinâmicas de articulação da linguagem, do corpo e da ação do sujeito.

### Política do sujeito, sujeito da política

Essa pesquisa, em relação direta com o social, e submetida aos estudos *dos sintomas atuais* apresenta riscos políticos. A dimensão política pode ser lida em diferentes níveis.

O primeiro está relacionado à *adoção do paradigma psicanalítico* e à colocação de um dispositivo de pesquisa que permanece homogêneo a esse modelo. A escolha desse quadro de referências não é ideológico, nem dogmático. Ele responde a uma necessidade teórica e metodológica, na medida em que é o único modelo que dá conta das explicações dos fenômenos a partir de uma dimensão heterogênea que escapa ao registro das determinações genéricas. Ora, não levar em conta esse ponto de indeterminação seria negligenciar um aspecto essencial à compreensão dos fenômenos das marcações corporais. Com efeito, elas não podem ser compreendidas se não colocarmos o acento da questão no sujeito do inconsciente. O sujeito do inconsciente não se confunde com o indivíduo, o eu, a consciência ou, ainda, com o usuário. Nossa orientação defende uma *política do sujeito* reconhecendo aí todas as suas determinações, sua parte de irredutibilidade frente a todo outro, sua relação ao ato, à palavra, sua relação ao prazer e ao desprazer, sua relação com a realidade e o saber e, por fim, com o saber inconsciente. O desafio de nossa pesquisa é o de reconstruir, no *après-coup* da resposta do sujeito, o ato que foi o dele. Convém que, para cada um dos sujeitos encontrados, evidencie-se uma conjuntura – um antes e um após à marca corporal (contexto da passagem ao ato, contingência, *après-coup*) – que indique que esse fenômeno não interfere em um momento qualquer e que ele assume uma lógica na economia psíquica. Assim, a pesquisa sustenta uma *política do sintoma*. Então, se “o sintoma aparenta constituir um grilhão, um estrago, um obstáculo, nós damos valor a sua relação ao gozo e a sua dimensão de escolha subjetiva” (Focchi, 2008, 21). Essa pesquisa sustenta uma orientação pelo sintoma concebido como necessário e não como déficit ou mau funcionamento.

Tal pesquisa, que tem como preocupação acentuar a singularidade do caso, o mais particular de cada um, se revela desagregativa. Ela promove uma *política do caso*, uma verdadeira casuística que se opõe à tendência contemporânea de constituir grupos de sujeitos sobre a base dos sintomas que eles apresentam. Permitindo ao sujeito dizer alguma coisa a respeito de sua passagem ao ato, a pesquisa oferece a perspectiva, senão de dar um sentido a ele, ao menos de interrogá-lo. Em consequência disso o sujeito pode ser trazido a pesquisar – num outro dispositivo mais apropriado –, “a restabelecer a dimensão inconsciente de suas condutas, que o curto-circuitam, que o apagam” (Blanco, 2008, 32). Esse acesso esclarece, igualmente, o “valor social da escuta” em suas dimensões relacional e simbólica ao mesmo tempo em que favorece a inscrição do sujeito na polis, isto é, na política da cidade.

O segundo nível de implicação política da pesquisa se situa no momento em que o pesquisador opta por um quadro de referências, em preferência a um outro, para ancorar suas pesquisas. Por meio de sua escolha, o pesquisador torna-se um *sujeito político*. Colocando a ênfase na dimensão inconsciente, o pesquisador considera a possibilidade de aceitar efeitos epistemológicos, metodológicos, clínicos e sociais relacionados ao seu quadro de referências. Dessa forma, os resultados já obtidos permitem definir os dispositivos e procedimentos adequados a um tratamento digno do sintoma. Esses lugares devem permitir ao sujeito abrir o diálogo consigo mesmo e encontrar um lugar no meio social (ou encontrar uma forma de laço social) com a única condição de que sua singularidade não seja negada, rejeitada ou banida. Assim, os resultados dessa pesquisa, sua transmissão, têm, como consequência, afirmar o interesse da doutrina psicanalítica pela construção de um dispositivo de pesquisa mas também, em termos mais gerais, de marcar seu lugar no campo social.

Nós demonstramos que a ação política é intrínseca ao trabalho do pesquisador. Essa dimensão é redobrada no caso das pesquisas que se orientam pela psicanálise porque elas sustentam a hipótese do inconsciente. Porque, se o inconsciente diz respeito, evidentemente, ao individual, na medida em que ele infiltra nossas representações, nossos dizeres e nossos arranjos sociais, nós podemos sustentar que *o inconsciente, esta aí a política* (Lacan).

## Referências

- DOUVILLE, O. L'automutilation, mise en perspective de quelques questions. *Champ psychosomatique*, n. 36, p. 7-24, 2004.
- FERNANDEZ BLANCO, M. Politique de la psychanalyse. *Mental*, 20, p. 29-34, 2008.

- FOCCHI, M. Présentation. *Mental*, 20, p. 21-22, 2008.
- FREDA, F. H. La précarité. *La Cause Freudienne*, 65, p. 213-217, 2007
- LACAN, J. (1967). *Mon enseignement*. Paris: Seuil, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1970). *L'envers de la psychanalyse*. Paris : Seuil, 1991.
- LAURENT, E. Chomsky avec Joyce. *La lettre mensuelle*, 240, p. 56-64, 2005
- LAURU, D. Perçons corps. *Champ Psychosomatique*, n. 36, p. 119-129, 2004.
- LEMONNIER, B. Se tailler. *Les feuillets du Courtil*, n. 13, p.17-19, 1997.
- MILLER, J.A. La psychanalyse, la cite, les communautés. *La Cause Freudienne*, 68, p. 105-119, 2008.
- PAILLER, J-J, PAILLER, B. Tattoo ? Non il me manque quelque chose. *Champ Psychosomatique*, n. 36, 131-143, 2004
- PORTILLO, T. R. Le decline de l'idéal, l'exigence de jouissance. *La lettre mensuelle*, 244, p. 17-21, 2006.
- SCARAMOZZINO, S. Pour une approche psychiatrique de l'automutilation : implications nosographiques, In Du marquage du corps à l'automutilation. *Champ Psychosomatique*, n. 36, p. 25-38, 2004
- SMITH, G., COX, D., SARADJIAN, J. *Women and self-Harm : understanding, coping and healing from self-mutilation*, Londres : The women's press, 1998.
- WINTREBERT, D. L'auto-mutilation, défense contre l'angoisse. *Mental*, 17, p. 87-92, 2006.

## Resumos

*La sociedad contemporánea es marcada por una manera individualista del goze que se opone a los ideales de la civilización y a las posibilidades de enlaces con el otro. El cuerpo, insertado en la lógica capitalista, se cambia así así en un producto artificial con la fabricación y la exploración de nuevas zonas erógenas. Este proceso, sin embargo, contracta una paradoja: el mismo goze individualista denuncia la fragilidad y la inconsistencia de los enlaces sociales contemporáneos. De esta forma, el investigador, que tiene el psicoanálisis como teórico referencial y médico, al efectuar su trabajo, desarrolla una política del síntoma, es decir, también, una política del sujeto. Esta investigación promueve una política del caso - oponiéndolo a la lógica contemporánea de las constituciones nosográficas - y un rescate del inconsciente como dimensión de los comportamientos del sujeto.*

**Palabras clave:** modificaciones del cuerpo, sujeto, política, goze, psicoanálisis

*La société contemporaine est marquée par une modalité individualiste de jouissance qui s'oppose aux idéaux de la civilisation et aux possibilités de liens sociaux. Le corps, inséré dans la logique capitaliste, devient un produit artificiel comme conséquence de la fabrication et l'exploration de nouvelles zones érogènes. Ce processus enveloppe un paradoxe, pourtant: la même jouissance individualiste est celle qui dénonce la fragilité et l'inconsistance des liens sociaux contemporains. De la sorte, l'investigateur, prenant la psychanalyse comme ses références théorique et clinique, s'engage dans une politique du symptôme ainsi que dans une politique du sujet. En tant qu'elle s'oppose à la logique contemporaine des constitutions nosographiques, cette recherche promeut une politique du cas et une récupération de la dimension inconsciente des conduites du sujet.*

**Mots clés:** marques corporelles, sujet, politique, jouissance, psychanalyse

Study of body marks in modernity: how to support the subject's cause

*The contemporary society is marked by an individualistic way of joy that is opposed to the ideals of the civilization and the possibilities of bonds with the Other. The body, inserted into the capitalist logic, is thus changed into an artificial product through the manufacture and exploration of new erotogenic zones. This process, however, engages a paradox: the same individualistic joy is that which denounces the fragility and the inconsistency of the contemporary social bows. The psychoanalysis theory and clinical reference enables the researcher, when effecting its work, to develop a politics of the symptom, that is, also, a politics of the subject. Such a research promotes a politics of the case - opposing it the contemporary logic attached to nosographic constitutions - and a rescue of the unconscious dimension of the subject's behaviors.*

151

**Key words:** body modifications, subject, politics, joy, psychoanalysis

Versão inicial recebida em agosto de 2008

Versão aprovada para publicação em outubro de 2008

**CAROLINE DOUCET**

Maître de Conférences en Psychopathologie, UFR Sciences Humaines, EA 4050, Université Rennes 2.

E-mail : caroline.doucet@uhb.fr

**JEAN-LUC GASPARD**

Maître de Conférences en Psychopathologie, Directeur Adjointo do *Laboratoire de Psychopathologie et clinique psychanalytique*, UFR Sciences Humaines, EA 4050, Université Rennes 2.

E-mail : JLGASPARD@wanadoo.fr

**NELSON DA SILVA JR.**

Professor do Instituto de Psicologia da USP. Diretor do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária

05508-030 São Paulo, SP, Brasil

E-mail: nesj@terra.com.br

**SERGIO MARINHO DE CARVALHO**

Doutorando e pesquisador do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária

05508-030 São Paulo, SP, Brasil

E-mail: marinho@bcb.gov.br